



XXXIII Encontro
Associação das Universidades de
Língua Portuguesa

RIO DE JANEIRO, BRASIL, 2024

FICHA TÉCNICA

Título

MIGRAÇÕES, DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Editor

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

Coordenação Editorial

Cristina Montalvão Sarmiento

Sandra Moura

Revisão dos Textos

Pandora Guimarães

Pedro Correia Anjos

Sandra Moura

Capa/Arranjo Gráfico

Pedro Correia Anjos

Impressão e Acabamento

Sersilito

Tiragem

250 exemplares

ISBN

978-989-8271-24-2

Depósito Legal

540449/24

DOI

<https://doi.org/10.31492/978-989-8271-22-8.ATAS2024>

Todos os artigos desta edição são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Escritos em língua portuguesa, estes representam variantes da língua consoante o país de origem.

**Migrações, Desigualdades e
Desenvolvimento Sustentável**

XXXIII Encontro
Associação das Universidades de Língua
Portuguesa

RIO DE JANEIRO, BRASIL, 2024

ÍNDICE

LISTA DE PARTICIPANTES	11
-------------------------------------	-----------

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA

Palavras de abertura da Magnífica Reitora da Universidade de Brasília e Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) <i>Professora Doutora Márcia Abrahão Moura</i>	17
Palavras de abertura do Diretor de Relações Internacionais da CAPES <i>Professor Doutor Rui Oppermann</i>	19
Palavras de abertura da Vice-Reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro <i>Professora Doutora Cássia Turci</i>	23
Palavras de abertura do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro <i>Professor Doutor Roberto Medronho</i>	25

TEMA I – Desafios das migrações

O impacto das migrações na instabilidade das fronteiras dos países africanos e a segurança nacional: o caso angolano

<i>David Caunda, Francisco Cambanda, Sebastião António, Universidade Mandume Ya Ndemufayo</i>	29
---	-----------

Experiências de mobilidade e construção de identidades de crianças imigrantes chinesas no Brasil

<i>Roberval Silva, Universidade de Macau</i>	39
--	-----------

Refugiados e migrantes na Paraíba: acolher e integrar	
<i>Ana Martorelli, Universidade Federal da Paraíba</i>	47
Política, assistência humanitária e integração social do imigrante venezuelano	
<i>António Siteo, Universidade Salgado de Oliveira</i>	55
Navegando na incerteza: os desafios contemporâneos das migrações globais	
<i>Martilene Santos, Instituto Superior de Gestão.....</i>	67
Migrações populacionais intermitentes em Moçambique: intrusão interminável na vida sócio-ecológica nos Parques Nacionais de Maputo e Limpopo	
<i>Adérito Machava, Ivo Cumbana, Luisa Mutisse, Lurdes Silva, Samuel Quive, Universidade Eduardo Mondlane.....</i>	71
Aporofobia, xenofobia e securitização: as migrações internacionais em perspectiva interseccional e os limites do Estado Moderno	
<i>Guilherme Ramos, Universidade Federal do Rio de Janeiro.....</i>	79
 TEMA II – Desigualdades do Mundo Global	
Avaliação de programas de financiamento para o desenvolvimento: o caso do método contrafactual	
<i>David Ruah, Instituto Superior de Gestão.....</i>	91
Linha de base para o programa de transferências sociais e monetárias kwenda	
<i>António Chisingui, Helder Bahu, Pedro Bem-Haja, Instituto Superior de Ciências da Educação da Huila, Universidade de Aveiro</i>	95
Autoria feminina negra como resistência ao patriarcado e à supremacia branca europeia	
<i>Ana Oliveira, Universidade de São Paulo.....</i>	101
Alojamento estudantil a custos acessíveis – o caso de Portugal	
<i>Andreia Lopes, Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação</i>	107
Internato em saúde coletiva no curso de enfermagem: um diferencial na formação profissional	
<i>Edna Wingester, Leila Santos, Shirlei Dias, Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.....</i>	115

A educação como fonte de mitigação para as desigualdades do mundo global: o caso da África Subsariana	
<i>João Magalhães, Teresa Damásio, Instituto Superior de Gestão</i>	119
Cinema negro: as minorias como sujeito, construindo a superação da desigualdade	
<i>Celso Prudente, Júlio Chibemo, Rogério Almeida, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade de São Paulo, Universidade Alberto Chipande</i>	127
Formação de crenças falsas e vulnerabilidade social	
<i>David Antunes, Instituto Politécnico de Lisboa</i>	135
Migrações e educação para uma fraternidade lusófona	
<i>Montenegro Fiúza, Paulo Pinto, Universidade Lusófona</i>	141
 TEMA III – Educação para o Desenvolvimento Sustentável	
Educação, soberania e desenvolvimento sustentável: uma abordagem em torno da contribuição do ensino e aprendizagem de línguas em contextos pós-coloniais	
<i>Fernanda Bedito, Universidade Agostinho Neto</i>	153
O programa Erasmus+ e a mobilidade internacional creditada – oportunidades e desafios	
<i>Carla Ruivo, Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação</i>	163
O ensino produtivo de escrita e a formação cidadã: experiências no âmbito do programa residência pedagógica	
<i>Ananias Silva, Universidade Federal Rural do Semi-Árido</i>	169
A qualificação do corpo docente para o desenvolvimento sustentável no Instituto Politécnico de Lisboa	
<i>Fernando Melício, José Coelho, José Rodrigues, Maria Escudeiro, Instituto Politécnico de Lisboa.....</i>	181
Português como língua estrangeira (PLE) e a estratégia de internacionalização da UFMT	
<i>Caroline Oliveira, Paula Pacheco, Universidade Federal do Mato Grosso</i>	187

O papel da Lusófona da Guiné-Bissau no desafio de contribuir para o desenvolvimento sustentável e produção de conhecimento	
<i>João Magalhães, Teresa Damásio, Instituto Superior de Gestão.....</i>	191
Desafios na educação para o desenvolvimento sustentável (EDS). Universidade Lusófona da Guiné-Bissau (ULGB): um plano de ação para a educação 5.0	
<i>Luis Colaço, Universidade Lusófona da Guiné-Bissau.....</i>	199
Política cultural de 1997: uma reflexão sobre o seu contributo para a sociedade moçambicana	
<i>Abudo Machude, Luísa Mutisse, Lurdes Silva, Samuel Quive, Universidade Eduardo Mondlane</i>	207
Educação para a sustentabilidade no placebrand e marca IES de língua portuguesa	
<i>Denise Henriques, Universidade Nova de Lisboa e ISCTE-IUL.....</i>	213
Dos pluralismos ontológico e ecológico. Naturezas e culturas em relação	
<i>Isabel Babo, Universidade Lusófona.....</i>	221
Políticas nacionais para a formação doutoral	
<i>Daniele Borges, Gionara Tauchen, Renata Schneider, Universidade Federal do Rio Grande</i>	227
Desafios das migrações (em África)	
<i>Donato Mbianga, Universidade de Luanda</i>	235
Os Encontros Associativos da AULP. A relevância do registo e das atas	
<i>Professora Doutora Cristina Montalvão Sarmento.....</i>	243
 SESSÃO DE ENTREGA DO PRÉMIO FERNÃO MENDES PINTO	
Discurso do Reitor da Universidade de Cabo Verde	
<i>Professor Doutor José Arlindo Barreto</i>	247
Discurso do vencedor da edição de 2023 do Prémio Fernão Mendes Pinto	
<i>Professor Doutor Manuel Duarte João Pires</i>	249

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

Discurso de encerramento do Presidente Cessante da Associação das Universidades de Língua Portuguesa <i>Professor Doutor João Nuno Calvão da Silva</i>	253
Discurso de encerramento do Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa <i>Professor Doutor José Arlindo Barreto</i>	255
Discurso de encerramento do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro <i>Professor Doutor Roberto Medronho</i>	257

Lista de Participantes

ANGOLA

David Caunda

Universidade Mandume Ya Ndemufayo

Donato Mbianga

Universidade de Luanda

Fernanda Benedito

Universidade Agostinho Neto

Francisco Cambanda

Universidade Mandume Ya Ndemufayo

Helder Bahu

Instituto Superior de Ciências de Educação da Huila

José Lima

Universidade Mandume Ya Ndemufayo

Maria Nascimento

Universidade Católica de Angola

Pedro Magalhães

Universidade Agostinho Neto

Sebastião António

Universidade Mandume Ya Ndemufayo

BRASIL

Adriana Maciel

Universidade Federal Fluminense

Alessandro Santana

Universidade Estadual de Santa Cruz

Ana Maria Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ananias Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Ana Martorelli

Universidade Federal da Paraíba

Alfredo Melo

Universidade Estadual de Campinas

Ana Oliveira

Universidade de São Paulo

Antônio Siteo

Universidade Salgado de Oliveira

Artemis Soares

Universidade Federal do Amazonas

Bárbara Orfano

Universidade Federal de Minas Gerais

Caroline Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso

Cássia Turci

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Celso Prudente

Universidade Federal do Mato Grosso

Cláudia Carioca

Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

Claudia Laranjeira

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Conrado Rodrigues

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas-Gerais

Corinne Imbs

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Edmar Costa

Universidade Federal do Pará

Elisabeth Macedo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elisabeth Machado

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ester Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Evandro Oliveira

Centro Universitário de Mineiros

Felipe Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fernanda Garcia

Faculdade SESI de Educação

Frederico Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Gilmara Nóbrega

Universidade Federal da Paraíba

Gionara Tauchen

Universidade Federal do Rio Grande

Guilherme Ramos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Desafios das migrações (em África)

Donato Mbianga

dmbianga@yahoo.com.br

Universidade de Luanda, Angola

I. Introdução

A comunidade internacional, como espaço geográfico que alberga o rebanho humano, não se confina apenas à coexistência de sociedades politicamente organizadas – os Estados, pelo contrário, comporta uma pluralidade de actores sub-estatais, estatais, transnacionais e supranacionais. As migrações começaram nos períodos antes e depois de Cristo, de modo que a comunidade universal é formada por homens, os quais, antes da constituição de sociedades politicamente organizadas, já desfrutavam do direito de se deslocar de uns lugares para outros, de se fixar e permanecer em determinados espaços geográficos e de estabelecer entre si relações de cooperação e de reciprocidade com vista a satisfazer os seus anseios e aspirações. Nesta perspectiva, os homens são pré-existentes aos Estados, detendo e conservando direitos e prerrogativas fundamentais, que nenhum poder político instituído, nem mesmo aquele a que estão sujeitos, lhes pode retirar. Desta forma, as várias visões e abordagens sobre as migrações, comportam um denominador comum que é a deslocação do homem (que também pode ser de animais) de um espaço para outro, sendo por isso um fenómeno normal, “ou seja”, um fenómeno sociológico, antropológico e cultural dos povos.

II. Génese das migrações

O homem tem, na sua vida social, uma tendência natural para migrar de um lugar para outro. Esta característica, peculiar do comportamento humano, não se limita apenas naquele ser. Estende-se igualmente, aos animais que, tal como o primeiro, procuram garantir a sua sobrevivência através de deslocações constantes de um lugar para outro à procura de subsistência e segurança.

A história dos homens em sociedade é, naturalmente, uma história de grandes migrações, fenómeno tão antigo quanto a existência da própria humanidade. As migrações sempre acompanharam a evolução dos homens em sociedade, assim como lhes possibilitaram a descoberta de novas formas de sobreviver e de enfrentar os desafios impostos pelo meio natural.

Nesta ordem, vários são os autores que se propuseram reflectir sobre os movimentos migratórios que tiveram lugar nos vários períodos da história bíblica e da história universal. Moisés Kamabaya (2013:18), investigador angolano, ao defender a teoria monogénica, lembra que “(...) há quarenta mil (40.000) anos atrás o primeiro homem negro saído da África chegou à Europa passando pelo Estreito de Gibraltar”.

Num outro ângulo, o padre **Raúl Ruiz de Asúa Altuna** (2006:19), ao falar da migração Bantu, sublinhou o seguinte: “(...) há quem diga que, há 5000 mil anos, os Bantu invadiram a Somália e, um milênio depois, foram expulsos por outro grupo (...) e temos indícios certos de que os povos Bantu provêm de uma extraordinária explosão demográfica”. Ao defender tal ideia, o autor explica que as deslocamentos daquele povo “(...) começaram há 2000 mil ou 2.5000 anos e, em seguida, dispersaram-se, empreendendo assim, a maior migração verificada em África”.

Esta prática migratória não se limitou somente a África, desenvolvendo-se também noutras partes do mundo e em circunstâncias muito particulares. Pascal Boniface (2008:107), ao retratar o movimento migratório dos judeus, sublinhou que “o povo judeu começou a dispersar-se desde o séc. IX antes de Cristo (...) tornando-se comerciantes e (...) o seu espaço era sobretudo urbano.

Entretanto, a migração deste povo não se limitou no tempo e manteve-se ao longo dos séculos, uma vez que, sobretudo no século XX, conhecer-se-ia a maior tragédia histórica, perpetrada contra este povo pelo regime nazi, comandado pelo Adolf Hitler, cujas consequências se tornariam evidentes com a sua migração forçada da Alemanha para outras partes do mundo.

Outro acontecimento histórico, mais antigo, que preparou vagas sucessivas de migrantes e que ligaria continentes e povos, foi a expansão marítima europeia do século XV que durou entre os séculos XV e XVII, cuja relação do domínio ocidental com a África, Joseph Ki-Zerbo (1999:279), ao apresentar previsões numéricas sobre a saída forçada de africanos, assegurou o seguinte: “(...) se considerarmos que cada preto arrancado à África lhe custa, pelo menos, cinco outros indivíduos mortos nas batalhas, nas longas marchas, ou no desespero, reconhecer-se-á com justa indignação que a cupidez da Europa roubou a África, pelo menos 60 milhões de habitantes”.

Também por outro lado, e no que concerne as migrações bíblicas, sabe-se que, desde Gênesis 1 até Apocalipse conseguimos ver história após história de migração humana. As vezes a migração na Bíblia ocorre porque Deus instrui o povo a migrar ou porque eles estão em busca da bênção ou providência de Deus (Gênesis 12, 47 e Hebreus 11).

Em outros lugares da Bíblia as pessoas são forçadas a migrar devido à guerra, a fome, à perseguição, a serem vendidas como escravas, ou como resultado de sua infidelidade à Deus (Gênesis 3, 7, 8, 12, 19, e Êxodo).

A migração é uma questão-chave da fé cristã, na medida em que os seus ancestrais da fé eram pessoas em movimento e precisavam de protecção e refúgio enquanto estavam em movimento ou na diáspora.

Pouco depois do nascimento de Jesus, a família fugiu de Belém para o Egito devido à perseguição do Rei Herodes contra Jesus. Após a morte do Rei Herodes, Jesus, Maria e José deixaram o Egito e se mudaram para Nazaré. Mateus 1:13 a 23

III. Tipos de Migrações

Vários são os autores que se dedicaram a estabelecer uma tipologia para os movimentos migratórios. Porém, atendendo o interesse de tais iniciativas, vamos, para a presente comunicação nos concentrar em duas tipologias: a primeira tem que ver com a mobili-

dade migratória na perspectiva dos grupos sociais que a materializam e que pode ser visto como:

1. **Migrações a nível estatal** – nestes movimentos migratórios incluem-se as deslocações de diversas entidades governamentais (presidentes, Ministros, diplomatas etc) para outros países, cimeiras ou outros eventos internacionais, com fins diversos e que podem ser de natureza política, económica, sócio-cultural e outros;
2. **Migrações a nível empresarial** – Nesta categoria enquadram-se os grupos empresariais de um determinado Estado com capacidade real para expandir os seus negócios além fronteiras;
3. **Migrações a nível religioso** – Que se dedicam à expansão da fé além fronteiras dos seus Estados de origem (tais como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o budismo, entre outras confissões religiosas);
4. **Migrações a nível individual** – Esta classificação atende, naturalmente, o conjunto de pessoas cuja deslocação não visa fins políticos;
5. **Migrações a nível desportivo** – Que podem ser internas e internacionais.

IV. Causas genéricas e motivações das migrações

Segundo Simão Milagres e Lutuina Santos (2013:27), “as motivações que definem as migrações internas ou externas estão, entretanto, relacionadas com as dinâmicas sociológicas desenvolvidas em cada realidade em concreto. Ou seja, quanto maior forem os níveis de estabilidade social política e, sobretudo, económica, de um determinado Estado, maior tendência terão os seus cidadãos em permanecer no território nacional, ao invés de optarem pela emigração”, embora este pressuposto, por si só, não deve ser visto como factor determinante para condicionar o processo de emigração, sobretudo se atendermos às diversas tipologias de emigração que ocorre, por exemplo a nível empresarial e desportivo.

Em África, há um registo assinalável de pessoas que procuram deslocar-se para a Europa, Estados Unidos da América do Norte e para outras regiões do mundo em busca de estabilidade e de melhores condições socioeconómicas de vida. Para além de existirem outras razões que se associam às vagas migratórias que se relacionam ao Velho Continente, estão as crises políticas e sociais que se vivem em vários Estados africanos, as quais criam as condições para o surgimento de movimentos emigratórios em massa.

Portanto, se considerarmos que na caracterização das causas, factores e motivações das migrações temos os factores políticos positivos (representações diplomáticas, reforço das relações políticas e cooperação); factores socioeconómicos positivos (integração no mercado mundial, oportunidades de negócios, reforço de parcerias, pesquisas, unificação familiar, férias e turismo); factores políticos negativos (guerras, crises políticas, opressões, perseguições, ditaduras); factores socioeconómicos negativos (pobreza, desemprego e nível de vida baixo) e, por fim, os factores naturais (vulcões, sismos, furacões e maremotos) entendemos que os factores políticos e socioeconómicos negativos estão na base da génese dos movimentos migratórios em África.

Com base na realidade acima apontada sobretudo quando olhamos para os factores políticos e económicos negativos, surge a seguinte pergunta: porque África, quando a

história diz que a África é o Continente berço e um dos mais ricos do mundo em termos de recursos naturais? Será que a condição de subdesenvolvimento deste Continente em quase todos os sectores da vida dos países pode continuar a ser entendido e explicado apenas com o conhecimento científico? É bem verdade que esse conhecimento (o científico) diz que as sociedades são governadas por leis objectivas, mas é interessante que o conhecimento teológico, quando faz menção da criação dos céus e da terra e de tudo o que neles há, a Bíblia Sagrada em Génesis capítulo 1:1-3 diz o seguinte: “No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus Haja luz; e houve luz (...).

Na visão ou no conhecimento teológico o quadro acima prova que este mundo físico ou material é antecedido por um mundo invisível, o que leva a afirmar que, se por um lado as sociedades são governadas por leis objectivas, por outro lado, elas também são governadas por leis invisíveis (espirituais).

V. Algumas das causas das migrações e de humilhação do povo judeu

Segundo a Bíblia Sagrada, um dos momentos em que o povo de Israel, o povo do Deus vivo e até mesmo anjos enfrentaram crises e humilhação, foi quando transgredissem algum mandamento da Lei do seu Deus, ou seja, Deus sempre considerou a transgressão como acto de rebelião (Êxodo 20:1-6) e o acto de rebelião como o pecado de feitiçaria (1 Samuel 15:23-24).

Num primeiro momento, esse cenário, por um lado, da desobediência e consequentemente da transgressão e, por outro lado, da ira de Deus face à desobediência, aconteceu no Céu aquando da desobediência de Lúcifer, antigo anjo da luz, que era um dos principais anjos (querubim) da Guarda de Deus (Apocalipse 12:3-18; Ezequiel 28:11-19)), cenário que culminou com um fenómeno de emigração forçada de Satanás das regiões celestiais para a Terra. É claro que este não foi o primeiro acto ou fenómeno migratório porque porquanto se sabe, Deus é Trindade, ou seja, Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, logo, o primeiro acto ou fenómeno migratório ocorre com Ele próprio ao emigrar do Céu para a Terra por intermédio do Espírito Santo (Génesis 1: 1-2).

Dois ilustrações mostram claramente sobre a evidência do acima exposto:

A primeira tem a ver com saída do povo de Israel do Egipto em direcção à Terra prometida depois de quatrocentos e trinta (430) anos de escravidão, num percurso que deveria durar alguns ou poucos dias, mas por causa da transgressão da Lei do seu Deus, o povo acabou ficando (em gesto de ira e punição de Deus) quarenta (40) anos no deserto (Êxodo 16:35; Números 14:2; Salmos 106:25 e 1Coríntios 10:10);

A segunda ilustração tem a ver com o acto de rebeldia levado a cabo pelos israelitas quando antes da morte do Senhor Jesus Cristo, Pilatos disse ao povo que ele não via algo de mal da parte de Jesus Cristo, tentando assim apelar o povo para que Ele fosse solto da prisão, mas o povo em pleno acto de rebeldia pediu a soltura de Barrabás (que era um assassínio) e a condenação e crucificação de Jesus Cristo. E Pilatos descartando se desta responsabilidade pediu uma bacia com água para lavar as mãos, acto que simbolizava a sua inocência, tendo o povo dito o seguinte: “ caia sobre nós e sobre os nossos filhos o sangue d’Ele” (Mateus 27:24-25).As consequências deste acto (de rebelião) vieram,

segundo entendimento teológico, a se manifestar durante a Segunda Guerra Mundial quando Adolf Hitler dizimou milhões de judeus e criou-se uma grande vaga de emigração da Alemanha para vários outros países europeus e americanos.

A ira de Deus não se manifesta apenas no sector migratório, mas sim, pode se manifestar em qualquer sector da vida desde que haja uma transgressão ou até que o povo se arrependa e se concerta com Deus. É neste contexto que para se responder a pergunta lá atrás formulada sobre, porque de tantos movimentos migratórios em África, tendo em conta que:

1. O continente africano tem a bênção espiritual se considerarmos a trajectória do Senhor Jesus Cristo na Terra;
2. O continente africano é considerado o continente berço da humanidade e a primeira civilização humana;
3. O continente africano é um dos continentes mais ricos do planeta.

Para além do mais, na tentativa de se inverter o quadro emigratório do continente, os Chefes de Estado africanos têm procurado envidar esforços conjuntos que incluem a realização de Cimeiras que visam trazer de volta os cérebros africanos espalhados na diáspora mas assim o fenómeno perdura.

Paralelamente ao espelhado no parágrafo anterior e no que concerne às questões de desenvolvimento do continente, nos últimos anos surgiu um fenómeno denominado “Cimeiras entre um dado país e África” cujos resultados de tais cimeiras ainda estão longe dos desejados, sendo por isso fenómenos difíceis de se entender e explicar somente na visão científica. Daí que, olhando para a experiência israelita, a partir da qual e segundo a visão teológica em Isaías 1:18-20, aliada aos livros de Êxodo 20:1-10 e Deuterónimo 28, e considerando que o Deus de Israel passou a ser o mesmo Deus dos africanos, depreende-se que a explicação para o caso africano não só no que diz respeito às migrações mas também em outras questões incluindo as que se debruçam sobre o desenvolvimento, se encontra mais na visão teológica, ou seja, se encontra mais nas causas espirituais do que nas causas materiais, se tomarmos como ponto de partida, o facto de que enquanto Israel, em todos os seus actos de desobediência, não se reconciliasse com o seu Deus nada lhes dava certo, ao ponto de nos momentos de enfrentarem os seus inimigos, Israel, quando e sempre que confiasse na força do seu braço ou sempre que contasse com o apoio de algum aliado que não fosse o seu Deus, era derrotado até pelas nações mais fracas porque segundo a Bíblia em Jeremias 17:5 alerta que “Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do Senhor”.

É por esta razão que, e tal como sublinha o Professor Amaral da Silva Lala (2022:15), “as Migrações Internacionais enquanto fenómeno global, os fluxos migratórios movimentam-se do Hemisfério Sul para os principais pólos de atracção. Essa tendência acaba por condicionar as políticas migratórias dos Estados do Hemisfério Norte” que, na minha visão, o continente africano acaba sendo vítima e em muitas das situações até saindo fragilizado em determinados sectores. Daí, a necessidade de se falar dos desafios dos Estados Africanos face ao fenómeno migratório.

VI. Desafios da África face às migrações

Ainda segundo o Professor Amaral da Silva Lala (2022:15), “a singularidade das migrações africanas é de ser essencialmente intra-continental. Todavia, existem zonas que também são consideradas como pólos de atracção: na África Ocidental, a Côte D’Ivoire destaca-se como principal destino para os povos vizinhos; na África Central, o Congo Democrático, tendo em conta a multiplicidade e a porosidade das suas fronteiras, recebe fluxos migratórios de forma cíclica; na África austral, a África do Sul, a partir de 1994, assim como Angola, a partir de 2002, a Namíbia e Botswana são os principais destinos. Ainda em África, o Magrebe tornou-se numa zona de transição para os africanos que procuram alternativas para à Europa ou ainda à alguns países do Golfo Pérsico. A nível do continente africano, o fenómeno migratório é condicionado pelos factores económicos e sociais, mas é particularmente acentuado pelos conflitos e instabilidades políticas”.

Ainda segundo o Centre d’Études Stratégiques de l’Afrique, citado pelo Professor Amaral Lala “o dinamismo dos fluxos migratórios africanos caracteriza-se pela forma como está associado aos grupos extremistas violentos e criminosos. Os africanos viajam como clandestinos logo, são muito mais vulneráveis. Segundo o mesmo estudo, os migrantes africanos alimentam um negócio bastante lucrativo avaliado em até 765 milhões de dólares por ano (Centre d’Études Stratégiques de l’Afrique, 2020. Fonte: UNHCR, IOM, MMC.). Sem dúvidas todas essas dinâmicas migratórias nos levam a, de entre os vários, citar alguns dos desafios dos Estados Africanos face ao fenómeno em análise, segundo a visão religiosa ou teológica:

1. De tudo que se pensar fazer para o bem do continente, os Estados africanos precisam, em primeiro lugar, fazer com que a África, para além de apostar na Ciência, que aposte também no Deus Vivo e se esforce em respeitar os seus Estatutos (Êxodo 20:1-10; Deutoronómio 30:15-20; 28:1-68; Isaías 1:18-20);
2. Procurar recuperar o tempo, aparentemente perdido, com base numa visão e perspectiva religiosa e teológica, pois para o Senhor (Deus), um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia (2 Pedro 3:8);
3. Aproveitando-se das teorias da Transição demográfica, os Estados africanos devem ter como preocupação permanente, munir os conhecimentos necessários as actuais gerações (em todas áreas do saber), e permitirem que esses conhecimentos sejam transformados em inovações tecnológicas, que, por sua vez, se reflitam no desenvolvimento do continente em todos os sentidos da vida política, socioeconómica, cultural, etc;
4. Mesmo o continente não sendo ainda Estados Unidos de África ou um Estado Federal, é imperioso que os governos africanos e no âmbito da União Africana (UA) concebam políticas migratórias e programas de desenvolvimento harmonizados;
5. Os governos africanos devem apoiar as actuais gerações de académicos africanos no sentido destes últimos desenvolverem conceitos, paradigmas e teorias que se encaixam com a realidade cultural africana, e que possam contribuir para o desenvolvimento do continente, a exemplo do que vem acontecendo na América Latina e na Ásia.

Portanto, e com base em tudo o que foi analisado no decurso da elaboração desta comunicação, concluiu-se que as migrações, não obstante terem a sua génese nos períodos antes e depois de Cristo e, acima de tudo, comportarem uma dimensão científica, religiosa e teológica (material e espiritual), hoje por causa dos vários fenómenos engendrados pelas várias dinâmicas sociais, elas (as migrações) se tornaram em um grande desafio para os Estados, e, em particular para os Estados africanos.

Referências

MILAGRES, Simão e Santos, Lutina – Fluxos Migratórios em Angola, a Mayamba Editora, 1.ª ed., Luanda, 2013

ROCHA, David Rodrigues Da – Imigração Ilegal e as Suas Consequências: O caso Angolano com Reflexão para outros Países, Edição David Rodrigues da Rocha, 1.ª ed. Luanda, 2015

Cadernos CEACIS 01 – Marcele Nazaré Coelho, Amaral da Silva Lala, Isaias Tchirica Falau, Sabino Pereira Ferraz, Organizadores – Migrações : Dialogar na Diversidade, Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Relações Internacionais, Edição CEACIS 2022, Luanda, 2022

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em Português por JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, Revista e Actualizada no Brasil, 2.ª edição, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, S. Paulo